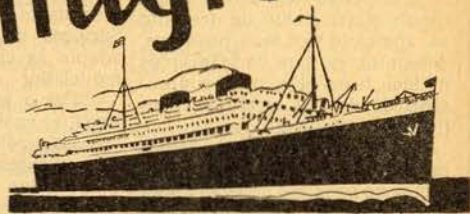




O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Districto de Lisboa

Redacção e Administração:

RUA FERNANDES TOMAZ, 20-1.º
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos
EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro
Propriedade do S. N. E. A. E. N. E.

Composição e impressão:

CAÇADA DOS CAETANOS, 18
TELEFONE 21450

BARRA FORA... Verdades Tristes BARRA FORA...

Camaradagem mal compreendida

No nosso último número referimos, sob a epígrafe acima, ao procedimento do enfermeiro do quadro do Norte Sr. Louchner para com os seus colegas.

Mantemos tudo o que dissemos porque tivemos o cuidado de nos documentar devidamente antes de redigir o «eco». De resto, o silêncio do atingido, contra o qual — acentue-se — não nutrimos ressentimentos, prova-nos que tinhamos razão.

Até aqui tudo muito certo.

Mas o que não está certo é que alguns elementos do Sindicato do Norte, embora os de menos valor, diga-se, tenham feito côro com os discordantes do «eco», lançando sobre nós os mais injustos impropérios, no desejo evidente de não desagradar ao Sr. Louchner, apavorados, como crianças, com as repesalías que possam vir a sofrer.

Embora nós não precisemos de outro apoio além do que nos dá a certeza de termos honestamente cumprido o nosso dever, não podemos deixar de, publicamente, acentuar a nossa repugnância por atitudes tão estranhas.

E como não nos prestamos ao jogo de ter duas opiniões: uma para usar na presença da pessoa e outra para a rebaixar na ausência devemos aqui declarar, muito lealmente, que o «eco» em questão, foi solicitado e apoiado por muitos elementos do Sindicato do Norte que para a sua redacção nos forneceram os indispensáveis elementos dos quais não fizemos uso, para não sermos violentos.

Não quero isto dizer que queiramos alijar as responsabilidades que nos cabem, porque essas tomamo-las em todos os campos.

Queremos apenas pôr as cousas no seu devido lugar, desmascarando os *bons amigos*, do Sr. Louchner e nossos.

A lição aproveita.

O Fragateiro

Recebemos o 1.º número de «O Fragateiro», órgão do Sindicato Nacional dos Fragateiros.

É mais um baluarte da defesa dos trabalhadores, que saudamos efusivamente e ao qual desejamos longa vida.

Erradamente se supõe que a obrigação de trabalhar dentro do Sindicato unicamente compete à direcção ou aos seus corpos gerentes, e que por esta simples razão devem defender, devem lutar, para que não fiquem envergonhados ou lesados nos interesses, aqueles que fazem o enormíssimo esforço de... pagar as cotas.

Há quem julgue que ser Director é sinónimo de ser venturiário, a quem se pode censurar, que deve ser mesmo censurado por tudo e por nada, como se o director fôsse na colectividade coisa diferente de sócio.

Há ainda quem pense que as obras vêm feitas do céu aos trambulhões, e que um Sindicato como o nosso, pode ser desenvolvido, como merece, apenas pela exclusiva acção da sua direcção — sósinha, a remar contra uma corrente de indiferença.

Pagar a cota é de todos os deveres do associado aquele que menos custa a cumprir, e aquele que por si só nada representa, no engrandecimento do Sindicato. A cota, elemento indispensável, é certo, destina-se a manter a colectividade, e manter nunca quiz dizer desenvolver, engradecer.

De aqui se conclue que além da colaboração monetária se impõe a colaboração moral. De um modo geral, cada sócio deve contribuir com uma percentagem de esforço individual para o esforço total que o engrandecimento do Sindicato exige, e só por esta forma é possível obter resultados apreciáveis sem que, os directores — os que trabalham mais — se inutilizem pelo cansaço e aborrecimento.

Várias são as formas de contribuir para o bem geral, para o progresso do Sindicato, que é de todos nós e para todos nós. Elas variam, é claro, conforme a situação, competência, afazeres e aptidões especiais.

Numa coisa, porém, todos o podem auxiliar: numa propaganda edificadora, num amparo moral, ou muito simplesmente, em não dizer mal, por sistema, por vício.

Não há possibilidade de caminhar sem que assim se faça.

O que hoje se produz é obtido mercê de um trabalho que só pode avaliar quem de perto observa, mas é desanimador que de tanto e tão constante trabalho resulte, praticamente, bem pouco, devido à falta de ambiente acolhedor, que faz sossobrar tôdas as iniciativas.

Não basta que cada uma leia o que aqui se escreve e ache bem. E' preciso, é necessário a valer, que todos se compenbrem destas verdades e se disponham a acarinhar os que dirigem e a dignificar a sua actuação, que o mesmo é dizer que dignificam o seu Sindicato Nacional.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Publicações oficiais

Recebemos e muito agradecemos, o Boletim dos Organismos Económicos creados pelo Ministério do Comércio e Comunicações referente a Dezembro, volume 2.º

É um grosso e bem elaborado volume, no qual se resume tôda a actividade daqueles organismos, em artigos, estudos e projectos da autoria das mais ilustres competências.

Colaboradores

Já aqui foi dito, no nosso primeiro número, que no «O Assistente ao Emigrante» qualquer dos sócios podia colaborar desde que essa colaboração trate assuntos de interesse geral ou ainda que não colida com a orientação da direcção.

Apesar de termos apenas dois números publicados, já fomos forçados a não dar publicidade a original enviado, exactamente porque esse original abordava assuntos sobre o qual a direcção já assentou critério e que nele era focado bem contrariamente ao estabelecido.

Lamentamos, mas não podemos proceder de outro modo, na própria defesa da classe cujas responsabilidades inteiramente estão confiadas à direcção e pelas quais só ela responde.

Catálogo da biblioteca

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o catálogo dos livros que constituem a nossa biblioteca, começado a publicar neste número.

Se o guardarem, como é mister, ficam os associados em seu poder com a relação dos volumes existentes, para mais facilmente poderem fazer as suas requisições.

Ponto, traço

O Sindicato Nacional dos Rádio-Telegrafistas, acaba de editar o seu órgão de imprensa, o jornal «Ponto, traço».

Ao nosso colega, que se apresenta brilhantemente colaborado, apresentamos as nossas saudações e desejamos muitas prosperidades.

Facilidades aos sócios

A direcção tem o prazer de comunicar aos associados que algumas casas têm feito ao Sindicato oferecimento de desconto na aquisição dos seus produtos, descontos de que os associados podem beneficiar, com a apresentação do seu cartão de identidade do Sindicato.

Por enquanto apenas podemos indicar quatro casas, mas esperamos no próximo número poder inscrever nessa lista maior número de comerciantes.

São os seguintes, os fornecedores:

Rádio Técnica — Rua Eugénio dos Santos, 81-1.º.

Material de importação — lampadas de rádio, europeias e americanas; resistências reguladoras de som, condensadores, etc., 20%.

Aparelhos de rádio, 20 a 25%.

Material adquirido na praça, 10 a 15%.

Adriano Seixas — Oculista — Rua Augusta, 188.

Em artigos de óptica e aparelhos de precisão, 20%.

Em artigos de fotografia e trabalhos do laboratório, 10%.

Farmácia Ultramarina, (antiga Dias Amado) — Rua S. Paulo, 101.

Faz os seguintes descontos:

Em produtos manipulados, 20%.

Em especialidades nacionais, 10%.

Em especialidades estrangeiras, 5%.

Farmácia Castro Rodrigues — Rua Capitão Leitão, 121 — Almada.

Em produtos manipulados, 20%.

Em especialidades nacionais, 10%.

Em especialidades estrangeiras, 5%.

Caixa de Auxílio

Médico privativo

A Direcção participa a todos os associados que acaba de firmar contrato com o Ex.º Sr. Dr. M. Pereira da Silva, para que seja o médico privativo da Caixa.

Nestas condições, as partes de doente para a Caixa de Auxílio, para efeitos de recebimento de subsídio, SÓ SE ACEITARÃO QUANDO PASSADAS POR AQUELE MEDICO.

O consultório do médico é na R. de S. Paulo, 101 (Farmácia Dias Amado) e o facultativo poderá ser procurado TODOS OS DIAS das 17 às 20 horas.

O sócio terá de dirigir-se àquele médico para lhe passar o atestado de doença para a Caixa, e pagará pela consulta Esc. \$500.

O sócio terá de comprovar a sua identidade com a apresentação do bilhete de identidade do Sindicato.

Lisboa, 10 de Abril de 1936

A DIRECÇÃO

Regulamento

Sem desdouro para quem o fez, que naquela altura grande e brilhante serviço foi, temos de confessar que o Regulamento dos Serviços de Emigração, aprovado pelo decreto 19.029, não se adapta às circunstâncias actuais, e carece urgentemente de ser remodelado.

Foi o primeiro diploma do género que se redigiu em Portugal, e, como é natural, não poudo ser perfeito.

Há, pelo menos uma parte que o Regulamento não trata convenientemente: a do pessoal.

Porque naquela altura não estavam formados os quadros? Não sabemos.

Falta no Regulamento matéria clara que defina quais os deveres e regalias do pessoal a bordo, desde os médicos ao pessoal de câmaras.

Nós conhecemos extraordinários e edificantes casos passados a borbo, onde nalguns a disciplina ficou bastante por baixo, e noutros a justiça saiu algo vexada, por falta de confiança na interpretação do Regulamento ou ainda — o que é mais frequente — por ausência absoluta de matéria aplicável.

O Regulamento é omissivo em muitos pontos, mas sobretudo nos deveres e direitos do pessoal, a saber:

1) — a bordo

a) — Para com o serviço do navio propriamente dito; (natureza e horário dos serviços a desempenhar);

b) — Para com os emigrantes (obrigações exclusivas para com os de nacionalidade portuguesa);

c) — Subordinação disciplinar — limites da competência dos médicos inspectores e sua responsabilidade total no movimento. (pessoal e passageiros)

2) — em terra

a) — Direitos e deveres no movimento das escalas;

b) — No preenchimento das vagas, por acesso de categorias;

c) — Partes de doente, licença, faltas, etc.

d) — Embarques fora dos limites fixados no decreto 23.116, etc.

Rapidamente, a traços largos, e em síntese, eis o que falta introduzir no Regulamento do serviço de emigração, para regularidade, ordem e disciplina dos serviços.

Da data em que foi publicado até hoje, todo o movimento evoluiu; tudo se modificou, quasi que totalmente.

Para melhor, sem dúvida alguma.

Mas o Regulamento ficou, desatualizado, e não há maneira de acomodar aos tempos de hoje, por maior que seja a vontade de todos.

O que há a fazer então?

Reformá-lo, aproveitando dele o que de útil contém — e que muito é.

Em tempo do Ex.º Sr. Dr. Afonso Castro Osório, Director Geral da Segurança, que a morte arrebatou tão cruelmente, chegou a pensar S. Ex.ª em nomear dois ou três funcionários para uma comissão de estudo do regulamento, para a qual tinhamos a promessa da nomeação de um membro, delegado do Sindicato.

Agora que o serviço passou para debaixo da direcção ponderada e enérgica do Ex.º Sr. Tenente Castro e Silva, de esperar é que o assunto se resolva e que desta vez o Regulamento sofra as modificações aconselháveis, modificações que, aliás, todos reconhecem de uma urgência flagrante.

Escala de Navios

PARA O SUL:

Dias	Vapores	Cais
4	Anselm	Rocha . Lisboa — Toca no Porto
5	Monte Pascoal	" " "
"	Almanzora	Alcantara " "
13	H. Chieftain	" " "
"	António Delfim	" " "
19	Asturias	" " "
21	G. Artigas	" " — Toca no Porto
25	Cap Arcona	" Lisboa
26	Belle Isle	Rocha . " — Toca no Porto
27	H. Princess	Alcantara " — "
28	General S. Martin	" " — "
"	Vulcania	Rocha . " "

Catálogo

da

Bibliotéca do Sindicato

- 1 — Alves & C.ª — Eça de Queiroz.
- 2 — Arte de conhecer as mulheres — Luiz de Oliveira Guimarães
- 3 — D. Perpétua que Deus haja — V. Chagas Roquette.
- 4 — A Emancipada — Victor Marguerite.
- 5 — Duas Irmãs — A. Theuriot.
- 6 — Crônicas da Rússia dos Sovietes — Herlander Ribeiro.
- 7 — Palavras Cínicas — Albino Forjaz de Sampaio.
- 8 — Mulheres da Beira — Abel Botelho
- 9 — Doida de Amôr — Antêro de Figueirêdo.
- 10 — A Rússia, Hoje e Amanhã — Cezar Pôrto.
- 11 — Cristo nunca existiu — Emilio Rossi.
- 12 — A Unidade de Consciencia no Proletariado — A. Pala.
- 13 — A Nova Guerra e a Artilharia — Mateus Moreno.
- 14 — A Vingança de Ralph — M. Delly
- 15 — O Reinado Venturoso — Artur Lobo de Avila.
- 16 — Reportagem — Luiz Teixeira.
- 17 — O Filho Pródigo — Hall Caine.
- 18 — A Esperança e a Morte — Carlos Malheiro Dias.
- 19 — Auto do Fim do Dia — António Correia de Oliveira.
- 20 — Saint Clair das Ilhas de Monteliu 1.º volume.
- 21 — " " " " 2.º volume.
- 22 — A Morte de D. João — Guerra Junqueiro.
- 23 — Advertência às Mães — P. H. Chavassé.
- 24 — Geografia Secundária — Dr. Carlos de Moraes.
- 25 — Livro de Leitura João Grave.
- 26 — Leonor Teles — Marcelino Mesquita.
- 27 — A Rússia Nova — Henrête Roland.
- 28 — A Cruz Misteriosa — Júlio Rocha
- 29 — Cartilha Colonial — Pedro Muralha.
- 30 — O Meu Rosário — D. Amélia de Guimarães Vaz.
- 31 — Os Incendiários da Índia — Alfredo de Brehat.
- 32 — Duvida Fatal — Merceio Prévost
- 33 — Terras de Africa — Pedro Muralha.
- 34 — O Direito no Teatro Gil Vicente.
- 35 — O Terrorismo em França — Henrique.
- 36 — Boletim da Liga de Profilaxia Social.
- 37 — A Martir.
- 38 — Las hijas de los faraones — Emilio Salgari.
- 39 — O que eu vi num sonho — Léon Tolstói.
- 40 — A Rua Escuro — António C. Lou-
- 41 — A Caso dos Fantasmas — Rebêlo da Silva.
- 42 — A História do Brasil — Rocha Pombo.
- 43 — As Evasões da Cadeia de S. Paulo — M. Trad.
- 44 — O Leão do Oriente — Mota.
- 45 — A Carne — Aquilino Ribeiro
- 46 — Recordações duma Colonial
- 47 — O Marquês de Pombal — Campos Júnior.
- 48 — Idem, idem.
- 49 — O Tesouro Sagrado — M. Delly.
- 50 — O Turbilhão — Coelho Neto.
- 51 — A Mulher que esgotou o Amôr — Alberto Insua.
- 52 — Hollywood Capital das Imagens — António Ferro.
- 53 — El Mandato de La Muerta — Emilio Zola.

(Continua no próximo número)

A Nossa Biblioteca

Uma das mais nobres e úteis missões que incumbe aos Sindicatos Nacionais, é certamente, a da educação cultural da sua massa associativa.

Da educação nasce a luz, diz o rião, mas com cultura adquirem-se conhecimentos que nos distinguem e elevam.

Quanto se não lamentam da falta de conhecimentos que os tornam incapazes de uma atitude de relêvo, esquecendo-se que dentro deles próprios, encontrariam o remédio para essa incapacidade de espírito que infunde tanta tristeza.

Conhecimentos não se adquirem apenas nos Liceus e nas faculdades. Está ao alcance de qualquer adquirir uma bagagem de saber suficiente para singular na vida esclarecido, bordar qualquer assunto, compreender e interpretar qualquer doutrina.

São aos milhares os exemplos e em todas as nações eles existem — de homens que, sem curso algum, chegaram aos mais altos postos do governo, ou a situações de excepcional relêvo, apenas dispondo de uma invulgar — diremos mesmo extraordinária — força de vontade.

Ler, ler muito e sempre, pausadamente, para compreender o que se lê — eis o segredo de uma boa cultura.

Da leitura aturada provêm os conhecimentos. O homem que lê muito é sempre um homem apto a desempenhar qualquer cargo, e onde quer que ele esteja distingue-se sempre.

Com o pensamento de tornar o trabalhador em indivíduo apto e útil, tem o Estado Novo Corporativo impulsionado a formação de Bibliotecas nos Sindicatos Nacionais.

E foi assimilando esta bela ideia e ainda por intenção própria, que as direcções do nosso Sindicato tem dado um desenvolvimento grande à nossa biblioteca.

Com a generosa oferta de livros por parte de dedicados associados — e quasi que só por eles — e ainda com dedicação de alguns amigos, cujos nomes publicaremos próximamente num quadro de honra — podemos orgulhar-nos em dizer que a nossa biblioteca conta actualmente 188 volumes, dos mais diversos autores.

A biblioteca tem a direcção dedicado especial carinho, quer adquirido novos livros, quer encadernando-os.

A afluência de leitores também tem sido muito lisongeira, tanto mais que ao sócio é permitido levar para viagem os volumes que desejar, sem qualquer encargo.

Pois é preciso que aumente o número de leitores e o número de obras.

Auxiliar a biblioteca com a

Para fixar doutrina

Por todos os lados nos surgem razões, que dão jús a que peçamos a urgente reforma do Regulamento dos Serviços de assistência aos Emigrantes.

Até lá, porém, é evidente e aconselhável a adopção de um critério para alguns pontos omisso no actual regulamento.

Este, por exemplo, de que vamos tratar é sintomático.

Pretende a Direcção do Sindicato que seja esclarecido pelo illustre director dos serviços, se sim ou não compete aos criados portugueses embarcados para serviço exclusivo dos passageiros portugueses — é este o espírito da lei — tratar dos camarotes dos enfermeiros portugueses.

Esta questão já tem sido suscitada em vários navios e quasi sempre fica sem solução, por falta de critério fixo. Alguns médicos inspectores têm uma opinião, outros têm outra, de forma que estabelecida a confusão nos superiores, a disciplina nos subordinados sofre abalo.

A Direcção não tem outro fim senão o de ver o assunto arrumado, por quanto ninguém se despreza de tratar do camarote de um consócio, e neste sentido enviou ao dirigente superior dos serviços o officio que a seguir transcrevemos, para conhecimento dos associados:

*Ex.^{mo} Sr. Director da Policia de Vigilancia e Defesa do Estado

A propósito do castigo impôsto ao nosso associado Luiz Rosa Carrilho, por se ter recusado a fazer limpeza no camarote da enfermeira, na última viagem feita, assunto arrumado e bem por V. Ex.^a, pedimos-lhe licença para solicitar que seja estabelecida doutrina a esse respeito, afim de que todos possam cumprir com exactidão os seus deveres, sem que possam evocar quaisquer atenuantes.

O critério desta direcção, sobre tal assunto, vamos expô-lo, com o intuito de esclarecermos, e na esperança de que V. Ex.^a dêle possa colher qualquer impressão que facilite a vossa resolução.

A limpeza aos camarotes de enfermeiros, por parte dos seus camaradas criados, não desdoura ninguém. Por um principio moral fazia-se, sem quebra da dignidade de todos.

No entanto, para que a bordo o serviço decorra normal e regularmente, sem fugir das regras rígidas de que «cada um faça o que lhe pertence», não deve o pessoal de câmaras embarcado por força do decreto, fazer a limpeza do camarote do enfermeiro, isto porque:

- 1.º — O camarote do enfermeiro é de 2.ª classe, e o pessoal português ir servir apenas na 3.ª e ao serviço de emigrantes;
- 2.º — Os camarotes de 2.ª têm pessoal próprio (do próprio navio) e a este pertence a sua limpeza tal como os de 1.ª;
- 3.º — O enfermeiro português tem direito absoluto que lhe dêem a bordo todas as garantias, quer de tratamento, quer de limpeza, equivalentes à classe que lhe pertence (2.ª) e mandar pessoal de 3.ª tratar dêle, achamos que é amesquinhá-lo.

Nesta conformidade, supõe esta direcção que haveria necessidade de estabelecer claramente se o criado português, embarcado por força do decreto deve prestar serviços ao pessoal enfermeiro que viaja em 2.ª.

Nós achamos que não, e se este for o critério de V. Ex.^a rogamos o favor de o determinar e recomendar aos Ex.^{mos} Médicos inspectores, para que se evitem incidentes.

Com os nossos agradecimentos a V. Ex.^a nos subscrevemos com a maior consideração.

A Direcção ainda não recebeu resposta do Ex.^{mo} Sr. Tenente Castro e Silva, o qual, certamente está estudando o assunto com o cuidado costumado, sendo de esperar que no próximo número possamos já arquivar nas nossas colunas a resolução que S. Ex.^a entender por bem tomar.

oferta de novos livros é um dever que a todos se impõe.

Utilizar os seus livros é um sintoma animador da vontade que a classe tem de se cultivar, elevando o nível da sua mentalidade.

Para facilitar a requisição das obras, o nosso jornal inicia hoje noutra lugar, a publicação do catálogo dos volumes. Devem os nossos leitores conservar este catálogo para poderem requisitar os seus livros.

BEM VIVER

A proposito
de
intrigas

Qual será a melhor conduta que devemos seguir a bordo, para com os colegas? — perguntava-nos há dias um camarada alarmado com certos rumores de questões e intrigas passadas a bordo entre o pessoal.

Olhámo-lo com curiosidade, num volver de olhos de admiração, e o nosso camarada, percebendo, sintetizou:

Eu tenho viajado muito, há mais de uma dezena de anos. Conheço a vida de bordo em todos os seus pormenores (os da minha profissão) e raro fiz uma viagem onde não tivesse um desgosto, um aborrecimento por causa dos colegas.

Umas vezes porque sou atingido directamente, outras porque vejo os outros envolvidos.

São as intrigas a propósito da conduta dêste, porque fez isto... porque não fez aquilo... porque quer ser assim... porque não quer ser... etc. etc.

Por tudo e com tudo se arma uma atmosfera de mal estar, de hostilidade que torna a viagem — já de si pouco agradável pelo trabalho extenuante — num autêntico calvário.

Faiz-se do Sindicato, com sentido destrutivo, comentam-se os directores, e até às vezes se belisca na vida particular, com uma falta de decoro digno de salientar-se.

Se fico isolado também sou censurado, e alcunhado de tolo, porque não quero acamaradar com os colegas. Se confraternizo, sucedem coisas extraordinárias, como as que acabo de relatar.

Como conduzir-me então? conclue.

A resposta, temos de concordar, é um tanto difícil e a ela fuímos o melhor que pudemos.

Alguns coisa nos ficou, porém, daquela conversa: a sugestão para escrever umas linhas a este respeito.

As discordias que nascem entre o pessoal, a bordo, (a bordo unicamente, porque mal põem os pés em terra todos se abraçam), são em terra, antes de tudo, o produto da errada noção de camaradagem que a maioria possui.

O mais inteligente é o que sabe distinguir os pontos fracos do seu companheiro de trabalho e evitar tocar neles. O mais audáz não é o que mais ameaça o companheiro, fiado numa força que se expressa por palavras, mas o que estoicamente sabe ouvir e suportar, em holocausto a disciplina e à dignidade própria.

Continua na 4.ª pag.

Acção Corporativa

A formidável sessão de propaganda de Gaia, constituiu uma consagração do Estado Novo Corporativo

Não queremos deixar de arquivar nas nossas colunas a memorável jornada de Vila Nova de Gaia, levada a efeito no passado dia 18 de Abril, por ocasião da assinatura dos contractos de trabalho dos camaradas Tanoeiros do Distrito do Porto.

Foi brilhante, a todos os títulos aquela festa, que servindo para o estreitamento de laços de amizade entre os trabalhadores do Norte e Sul, foi também uma afirmação eloquente do arreigamento da doutrina Corporativa nas massas trabalhadoras.

Foi uma data que fica a marcar um apoteótica manifestação de solidariedade e confraternização corporativa, que deveria ser repetida.

Bem haja os seus organizadores!

O comboio especial que partiu de Lisboa repleto e embandeirado, conduzia representantes de todos os Sindicatos Nacionais da capital e quando chegou às Devezas foi recebida com estranhado entusiasmo por parte da multidão que inteiramente cobria o enorme largo. Soaram foguetes, de mistura com os acordes festivos de marchas triunfais, dando à recepção uma nota de sincero delírio. Há vivas e palmas, aclamações a Salazar e Teotónio Pereira. Trocam-se as saudações oficiais. O entusiasmo é enorme, comunicativo, avassalador.

A 1 e 45 minutos chega o rápido de Lisboa, dondizando os Srs. Pedro Teotónio Pereira, ilustre Ministro do Comércio Comandante Ortiz Betencourt, ilustre Ministro da Marinha, Engenheiro Rebelo de Andrade, ilustre Sub-Secretário de Estado das Corporações, e outras altas individualidades do Instituto Nacional do Trabalho.

Formou-se o cortejo triunfal até à Câmara Municipal de Gaia, onde se realizou a sessão solene.

Ali usaram da palavra, sob a presidência do Sr. Ministro do Comércio vários oradores, sempre interrompidos com aplausos, o primeiro dos quais foi o camarada Tavares Adão, do Sindicato dos Tanoeiros, do Porto. Respiamos algumas passagens do seu discurso:

Aos Sindicatos Nacionais dos Operários Tanoeiros e dos Trabalhadores de Armazéns de Vinhos do Distrito do Porto, nesta sua hora jubilosa em que firmam com três Grémios do Comércio e Exportação de Vinhos, os Industriais de Tinoaria e o Governo da Nação, um pacto de solidariedade cristã, destinado a

dar uma nova rotação ao Mundo do Trabalho — competia-lhes, como indica a boa lógica, endereçarem a estas entidades as suas palavras de agradecimento.

Porém, dispensam-se de o fazer, porque o Chefe ensinou-nos a compreender numa expressão profunda e altamente sábia, que a «Justiça não se agradece e favores não se fazem».

Por esse País muitos trabalhadores auferem ainda salários que representam uma verdadeira desumanidade e que servem de fermento a um estado permanente de desalento e desespero para quem os percebe.

Não deveis, pois, ignorar que o melhor meio de comprimir o poder da insurreição é ir-deos ao encontro das necessidades dos humildes, suprimindo-as na medida do possível, tal qual fez esta pleiade de homens que, hoje, festiva e irmanente, firmam compromissos, que são um grande Estatuto de Paz.

Terminou o orador a sua brilhante saudação no meio de uma formidável salva de palmas, ouvindo-se vibrantes «vivas» ao Estado Novo, a Salazar e Teotónio Pereira.

Depois de usar da palavra os representantes dos Grémios, falou o Dr. Pedro Teotónio Pereira. Lamentamos que as reduções proporcionais do nosso período não nos permitam transcrever na íntegra o seu discurso do qual recortaremos algumas afirmações:

Se há momentos em que se ajustam contas perante a História e perante os próprios contemporâneos, este é, certamente um deles. Por isso eu queria que estivessem aqui presentes e atentos ao significado deste acto todos aqueles que desde a primeira hora tiveram fé e vieram

ao nosso encontro; todos os que embora mal seguros, conseguiram fechar os ouvidos às dúvidas e às traições, ou todos os que por um esforço honesto lograram vencer o seu próprio egoísmo, a indiferença comodista, ou a renúncia dos que não querem salvar-se.

Grandes reformas sociais objectivando-se em aumento efectivo dos salários, observância das regras de disciplina e horário de trabalho, protecção às mulheres e aos menores, casas económicas, férias anuais, instituições de previdência, etc. tudo isso só passa a constituir obra viva e honesta quando realizado através duma organização séria e equilibrada das actividades que representam funções da vida económica e social, impondo a visão totalitária dos seus mais vastos problemas, valorizando a iniciativa privada e estimulando a formação dos seus dirigentes compelindo patrões e trabalhadores para o bom entendimento no plano da corporação e reservando-se o Estado, com dignidade e com firmeza, a alta missão de orientador e de fiel do interesse comum, na ordem e na paz social.

Foi isto o que nós fizemos e é assim que temos de prosseguir! E, corações ao alto, porque somos nós que temos razão!

Falou ainda o ilustre Sub-Secretário de Estado das Corporações, que depois de um vibrante e eloquente discurso, durante o qual S. Ex.^a demonstrou exuberantemente a sua fé e entusiasmo no Estado Novo Corporativo, terminou com as seguintes afirmações:

Há dificuldades a vencer? Eu recordo as palavras de Salazar: «as pequenas dificuldades não pesam na vida dos homens e

Partes de doente

AVISO IMPORTANTE

Por officio do Sr. Director da Policia de Vigilancia do Estado foi notado à Direcção que os associados costumam dar parte de doente quando se encontram na proximidade imediata de embarque, o que leva o Sr. Director a crer que esses individuos pretendem esquivar-se ao serviço. O officio recomenda que quem se encontrar doente deve fazer a respectiva comunicação ao sindicato logo que adoece e não à última hora. Os que não procederem assim podem ser castigados.

A DIRECÇÃO

Bem viver

Continuação da 3.^a pag.

Se todos fôssem suficientemente educados para saber respeitar o companheiro, se todos tivessem pela vida particular do seu colega o conceito que a honra impõe a todo o homem, não haveria a bordo, tão lamentáveis questões.

Que cada um trate de si cumprindo a sua missão com capricho e interesse.

Que mantenham com os colegas cordiais relações de amizade, mas relações de franqueza e lealdade absolutamente sinceras.

Deixai a cada um os defeitos que tem; não há necessidade de salientá-los para assunto de conversas, a título de matar o tempo.

Se estas pequenas regras de bom viver forem seguidas, encontrarão a bordo a paz e a alegria que deve existir no trabalho.

não podem dar-lhes a consciência, a alegria plena do cumprimento do dever».

Pedro Inácio Alves Ribeiro e Luiz Teotónio Pereira encontraram e venceram muitas dificuldades; elas lhe darão a alegria plena do cumprimento do dever.

Distinguindo-os e honrando-os honra-se a si próprio o Governo da Nação, que vê nos seus exemplos nobres a segura indicação do triunfo magnifico da Revolução Nacional.

O nosso Sindicato fez-se representar por três delegados, os camaradas Alexandre Ramos, Agostinho de Albuquerque e Antonio Moreira Junior. A nossa bandeira figurou no cortejo, sendo a primeira que o abria coberta de flores.

Cumpre-nos agradecer aqui o acolhimento que os camaradas do Sindicato congénere do Porto dispensaram aos nossos delegados.

Escala de Navios

PARA O NORTE:

Dias	Vapores	Cais	
3	H. Princess	Rocha	Lisboa
8	General S. Martin	Alcantara	"
10	Cap Arcona	"	"
16	Vulcania	Rocha	"
17	Arlanza	Alcantara	"
"	H. Brigade	Rocha	"
"	Formose	Alcantara	"
19	Massilia	Rocha	"
"	General Osório	"	"
22	Alcantara	"	"
23	Hilary	Alcantara	"
29	Monte Olívia	"	"
31	H. Patriot	Rocha	"